

M A R I O G A R R O N E

o mal que nos
arruina

Penalux, 2020

Ataliba e o gato angorá

Era um mimo danado com o gato, um xodó, um enroscado. Um tal de cuidado que nem te conto. Do que ele sempre deu para o gato, para o filho nem sombra.

Nanci não queria de jeito nenhum bicho na casa. Mas cedeu. Ou ele comprou à revelia e enfiou o gatinho no sobrado. E ela passou a dar carinho e leite.

Ataliba vivia mais tempo fora do que dentro, dando aula de caratê, judô e jiu-jitsu, bebendo chope e flertando descaradamente com menor de idade. Mas bateu o pé.

É claro que sem paciência não dava. Ele queria o quê? O menino talvez não aprendesse nada nunca nem andasse sozinho na rua, mas era filho, e o que ele recusava para o moleque dava em abundância para o gato.

O grito que se ouviu foi medonho. Era dia de feira na frente da casa. Um cheiro de peixe e de fruta. Tanta gente comendo pastel!

Nanci foi contra o gato na cama. Isso ela não toleraria, em absoluto. Aquele tanto de pelo no lençol e na fronha. Um grude, sei lá, um exagero tremendo. Pois se até beijo na boca!

A dificuldade que foi para a polícia, a confusão que se formou, o tanto de mulher e de homem carregando sacola!

A gente sabe que o pai quer que o filho seja como os filhos dos outros. Nem um tiquinho menos, é assim que funciona. Mas Lineu nunca seria igual a ninguém. O pai nunca está a fim de ver que os filhos dos outros fazem coisas que o filho dele não faz. Lineu não era também a criança com quem Nanci tinha sonhado, mas ela aprendeu a não sentir vergonha e eu acho até que o amava. Amava sim. Era bonito ver Nanci levando o filho pela mão para tomar sorvete.

Durante o tempo em que passava em casa, não dava nenhuma atenção para o menino. Como se ele tivesse culpa de não saber ler e escrever; como se tivesse pedido para nascer só para frustrar e atormentar o pai sarado.

Um gato angorá branco lindíssimo! Que maldade pode ter um gato inocente? O que haveria de fazer de ruim um bichinho tão manso?

O problema era o excesso de aconchego, o chamego além da conta, um carinho que faça-me o favor. E, com tudo isso, a maior parte do tempo o gatinho ficava lá com Nanci porque Ataliba tinha que dar aula e beber cerveja.

Teve helicóptero, ambulância, sirene de polícia, o diabo. A gritaria que foi na hora mais movimentada da xepa!

Nanci nunca culpou o gato pelo excesso de Ataliba, embora sempre tenha dito para ele que ao filhinho nenhum abraço. Custava, de vez em quando, um carinho pequeno? O colo precisava ser sempre para o gato?

A mãe de Nanci achava um absurdo pôr nome de gente. Ninguém é contra dar carinho para animal, mas é preciso não passar do limite. Dona Rúbia se recusou desde o início a chamar o gato pelo nome dado por Ataliba. Como se dissesse que bicho deve ser só bicho; como se previsse.

Lineu sempre foi de repetir mil vezes a mesma coisa. Muitos preferiam evitar visitas. A mãe de Nanci ia sempre. Como avó, dona Rúbia se achava

II

na obrigação de amar o neto. Era o oposto do gênero. Ou por amar de fato ou para escancarar com revolta a irresponsabilidade e a omissão de Ataliba. Há quem diga até que, de todos, era a única a não ir com a cara do gato.

Ainda havia vida quando a ambulância chegou ao hospital. O coração batia pouco, mas batia. Estado gravíssimo! O médico logo viu que só um milagre...

Dona Rúbia não podia. Quem sabe o marido atacado pela gota; algum compromisso inadiável, urgente; ou só preguiça de pegar o ônibus e ir.

Nanci vinha sentindo azia direto, um azedume na boca. O doutor pediu exame de sangue, fezes, urina, mama e um ultrassom da barriga.

A quem caberia ficar senão a Ataliba?

A manhã começou com garoa. Se tem coisa que não presta, é feira com chuva, sombrinha, carrinho, sacola. Choveu, mas passou. Na hora da xepa o sol estava lá, um abafado horroroso. Mas pior foi o grito.

Como Ataliba ninguém. Mas com o tempo qualquer um pega amor, e tanto Nanci como Lineu gostavam do bichinho. Um olho azul e outro verde.

Qualquer coisa lá que impediu dona Rúbia de ocupar o lugar de Nanci, e Nanci com horário marcado na clínica.

Mais nenhuma chuva na hora. Uma mudança de tempo e um tropé.

Ataliba quis pastel de palmito e garapa na banca do japonês. Depois mais dois. De queijo e de carne.

Um pouco nervoso às vezes Lineu, mas normalmente calmo.

Sei lá se de novo o probleminha nos quadris de dona Rúbia, se as varizes, se porque achou que pai é que tem de ter responsabilidade com filho e fazer o que tem de ser feito.

O que é certo é que a coisa horrorosa teve início enquanto Ataliba bebia caldo de cana na feira e comia um pastel atrás do outro, e Nanci vinha voltando para casa depois de passar a manhã inteirinha aflita na clínica.

Se uma criança é boba e não pensa, nem assim deixa de ser triste que ela venha também a ser má. Corta o coração de qualquer um ver um menino fazer o que nunca se deveria.

O primeiro foi Durval. O de bigode, o que manca. Já teve encrenca com Ataliba e mantinha

distância. Achou esquisito. Morando do lado era fácil. Mas ver o que era nem em sonho. Ligou para a polícia.

Durval foi o primeiro, mas não o único. Soraia sentiu arrepio e disse que tentou não ouvir, mas era impossível ignorar os gritos pavorosos que vinham da boca de uma criança.

Alguma coisa horrível acontecendo na casa. Isso teve certeza não só Durval e Soraia, mas logo também Iraci. Pois se mesmo dona Ismênia que é surda!

Lineu, com o pobrezinho do gato, e Ataliba, sem nenhum juízo na venta, grudado na banca do Osaka.

Doutor Evaristo saiu no portão em seguida, incomodado com os gritos, e o alvoroço tomou conta da feira livre.

14 Amor pelo filho não havia. Nunca se soube de um beijo.

O pai quer um filho que joga, namora e xinga, e Lineu não podia, por cautela e tino, nem ficar sozinho em casa. Iria ser para sempre um menino decepcionando o pai bombado.

Ninguém lhe tira o direito de ter ficado chocado, ora essa. Isso qualquer um que viu depois

o estado deplorável do bichinho. Mas daí, convenhamos.

Até Doralice que odeia bicho chorou quando entrou na sala e viu o descalabro. Se bem que é difícil saber se a lágrima foi pelo gato destroçado ou pelo que houve depois de Ataliba voltar para casa empanturrado de pastel e garapa.



MARIO GARRONE nasceu em São Paulo em 1956, é formado em jornalismo pela PUC/SP e tem mais dois livros publicados: *O homem infeliz* e *Pequeno relato sobre o caos*.

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Rufina
para a Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em abril de 2020.
